

Os Animais Não Humanos em *Perto do Coração Selvagem* de Clarice Lispector

Maiara Usai Jardim*
Evely Vânia Libanori**

Resumo: Há algum tempo os estudos literários relacionados à Ecocrítica têm se expandindo. Como resultado disso, começou-se a estudar as obras de Clarice Lispector focando a questão animal. Sabe-se que os animais não humanos estão presentes desde o início da produção literária de Lispector, embora ainda sem a força que atingirão mais tarde. O objetivo deste trabalho é discutir a representação dos animais não humanos no primeiro romance de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*, por meio da Ecocrítica.

Palavras-chave: Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*, ecocrítica, animais.

Abstract: Ecocriticism has been spread among literary studies. As a result, Clarice Lispector has been studied with focus on animals. Non-human animals were in Lispector's books since her first literary work. The aim of this paper is to discuss the representation of the non-human animals in *Perto do coração selvagem*, her first novel.

Keywords: Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*, ecocriticism, animals.

* Universidade Estadual de Maringá – UEM, mestranda em Letras, maiara.u.jardim@gmail.com

** Universidade Estadual de Maringá – UEM, Professora Doutora em Letras, lieveorama@gmail.com

A Ecocrítica surgiu recentemente como um novo campo de investigação na teoria da Literatura. Ela trata da relação entre a literatura e o meio ambiente, incluindo fauna e flora. Conforme Greg Garrard, a Ecocrítica visa ao “estudo da relação entre o humano e não humano, ao longo da história cultural humana e acarretando uma análise crítica do próprio termo ‘humano’” (GARRARD, 2006, p. 16). Desse modo, trata-se de uma crítica guiada por uma perspectiva política, devido ao seu vínculo com a ecologia. Ela parte do pressuposto de que a ideia e a representação de natureza podem ser estabelecidas pela cultura:

O desafio dos ecocríticos está em manter um olho nos modos como a “natureza” é sempre culturalmente construída, em certos aspectos, e outro no fato de que ela realmente existe, tanto como objeto quanto, ainda que de forma distante, como origem de nosso discurso” (GARRARD, 2006, p.23).

Nos estudos literários, mais recentemente, os animais não humanos têm se tornado tema de pesquisa. Isso se deve à propagação dos Estudos Animais dentro da academia, que atualmente são alvo de estudo de pesquisadores de várias áreas, tais como biólogos, filósofos, antropólogos, primatólogos, entre outros. A partir do interesse sobre os animais não humanos e sobre a relação entre eles e os animais humanos, foram trazidos à baila questionamentos sobre o especismo e o antropocentrismo, bem como colocado em cheque o conceito de humano. Assim, o pensamento ecológico foi se espalhando, levantando questões éticas a respeito do convívio dos seres humanos e os demais animais até a literatura.

Na literatura brasileira, os animais não humanos estão presentes nas obras de autores como Graciliano Ramos, Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade. Conforme Maria Esther Maciel (2011, p. 86),

No que tange à literatura, por exemplo, podemos afirmar que as tentativas de sondagem da outridade animal nunca

deixaram de instigar a imaginação e a escrita de poetas e escritores de diferentes épocas e procedências, seja artifícios da representação ou da metáfora, seja evocação conscienciosa desses outros, seja pela investigação das complexas relações entre humano e não humano, entre humanidade e animalidade. Tal esforço indica uma necessidade de aprender algo deles quanto um desejo de recuperar nossa própria animalidade perdida ou recalçada, contra a qual foi sendo construído, ao longo dos séculos, um conceito de humano e de humanidade.

Conforme Benedito Nunes (1995), nas primeiras obras de Lispector, *Perto do coração selvagem*, *O lustre* e *A cidade sitiada*, o papel dos animais não humanos ainda é mais restrito. Somente, a partir de *A paixão segundo G.H.*, eles receberão mais destaque nas narrativas da escritora. Ainda assim, fica evidente, desde o primeiro livro, o fascínio que os animais exercem sobre Clarice Lispector. Muitos dos animais não humanos que aparecem em sua obra figurarão repetidamente na sua produção literária. Assim, embora os animais não humanos não estejam em posição de destaque, eles estão sempre presentes no romance. Ao se referir sobre a produção literária de Clarice Lispector, Affonso Romano de Sant'Anna (1975, p. 195) afirma que "a identidade do homem e animal, como variante do dualismo do Eu x Outro aparece implícita e explicitamente em praticamente todos os seus trabalhos, até mesmo naqueles onde ela não se refere diretamente aos bichos". Considerando isso, o intuito deste artigo é apresentar a representação dos animais não humanos em *Perto do coração selvagem*, primeira obra de Clarice Lispector, com base na Ecocrítica.

O "Eu" Humano e os "Outros" Animais

Ao mesmo tempo em que os animais não humanos podem simbolizar alguma característica humana, eles também podem repre-

sentar aquilo que é oposto ao ser humano. Dessa forma, os animais não humanos são vistos como o Outro, a alteridade em relação ao ser humano. Cria-se, assim, uma diferenciação entre o ser humano e o animal. Essa distinção se reflete em outras, tais como razão/ instinto, cultura/natureza, etc. Por conseguinte, os animais humanos passam a ser vistos como radicalmente distintos dos animais não humanos. Os animais são os seres irracionais, instintivos, enquanto que os seres humanos são racionais.

No entanto, essa polarização entre humanidade e animalidade, entre cultura e natureza é uma distinção advinda da própria cultura:

Acontece assim que “nós” seja um termo ligado à noção de “homem consciente e culto” e que “eles” se refira aos “animais naturais selvagens”. Mas trata-se de uma distinção conceptual mais do que efectiva. A ideia de natureza como pólo oposto à cultura, é, com efeito, em si mesma, um produto cultural (LEACH, 1989, p.15).

A distinção entre o “eu” e o “outro”, manifestada na polarização entre a animalidade e a humanidade, advém da capacidade humana de separar o mundo em categorias. Conforme Edmunch Leach (1989), uma vez que as classificações entre natureza e cultura, animais e humanos são feitas por meio da linguagem, elas se organizam sob a forma de metonímias, analogias e metáforas. A metonímia faz parte do pensamento analítico, científico e classificatório. Enquanto que a metáfora e as analogias entre os animais humanos e não humanos buscam aproximar o Eu humano do Outro animal.

Como os animais são vistos como opostos aos humanos, o confronto com o animal sempre tem algo a dizer sobre a humanidade. Segundo Jean-Paul Ronecker (1997, p. 14), “o simbolismo animal reflete não os animais, mas a ideia que o homem tem deles e, talvez definitivamente, a ideia que tem de si próprio”. Portanto, a representação e a simbologia atribuída aos animais em geral, bem como

a animais específicos, revela a concepção que os seres humanos têm sobre si mesmo e sobre os animais.

De acordo com Clive Phillips (2009), a representação dos animais não humanos nas artes variou da veneração nos tempos pré-históricos e nas antigas civilizações, ao simbolismo na Idade Média, ao respeito e adoração à natureza na Revolução Industrial e à tentativa de causar choque e incômodo nas artes modernas. Desse modo, os animais não humanos passaram, de tema predominante nas artes durante a Pré-história, a tema menos frequente. Essas atitudes direcionadas aos animais demonstram a posição dos animais não humanos em diferentes tempos e a proximidade deles com os seres humanos, passando da completa dependência dos animais não humanos nos tempos pré-históricos ao pouco contato físico com os animais não humanos na atualidade.

Na produção literária, os animais não humanos estiveram presentes nas fábulas, em que apareciam representando vícios e virtudes de seres humanos; em livros parte taxonômicos, parte ficcionais, tais como *História dos animais*, de Aristóteles; em Bestiários da Idade Média; em relatos de viagem no século XVI sobre o Mundo Novo. No século XVIII, os animais não humanos passam a serem vistos sob uma perspectiva naturalista e objetiva. Assim, somente

[...] a partir do século XX, a zooliteratura coloca-se também como espaço de reflexão crítica sobre a questão animal num mundo em que o homem se define a partir da dominação que exerce sobre os seres vivos não-humanos e, simultaneamente, utiliza o animal para justificar a dominação sobre outros seres humanos (MACIEL, 2008, p. 18).

Perto do coração selvagem, publicado em 1944, é escrito em dois planos. Um deles foca o passado de Joana, sua infância com o pai, sua estadia com seus tios e o internato. O outro plano é centrado no relacionamento de Joana com Otávio. Esses dois planos são interca-

lados na narrativa, sendo que na segunda parte da obra predomina o plano voltado para o relacionamento da personagem. Como já foi mencionado, os animais não humanos não ocupam posição central nesse romance. Contudo, ainda assim, os animais estão sempre presentes de alguma forma.

Primeiramente, pode-se observar que a ideia de vigor e força ligada aos animais não humanos tem dois desdobramentos na obra. Por um lado, o narrador emprega a palavra “animal” para expressar a violência e a maldade do ser humano, como no excerto a seguir:

A certeza de que dou para o mal, pensava Joana.

O que seria então aquela sensação de força contida, pronta para rebentar de violência, aquela sede de empregá-la de olhos fechados, inteira, com a segurança irrefletida de uma fera? Não era no mal apenas que alguém podia respirar sem medo, aceitando o ar e os pulmões? Nem o prazer me daria tanto prazer quanto o mal, pensava ela surpreendida. Sentia dentro de si um animal perfeito, cheio de inseqüências, de egoísmo e de vitalidade. [...]

Sim, ela sentia dentro de si um animal perfeito. Repugnava-lhe deixar um dia esse animal solto. Por medo talvez da falta de estética. Ou receio de revelação... Não, não – repetia-se ela –, preciso não ter medo de criar. No fundo de tudo possivelmente o animal repugnava-lhe porque ainda havia nela o desejo de agradar e de ser amada por alguém poderoso como a tia morta (LISPECTOR, 1980, p. 14-15, grifo nosso).

Nesse caso, o animal não humano representa toda a violência interior que não é passível de ser controlada pela sociedade e suas regras. É o que há de mais intrínseco e instintivo no ser humano. No entanto, esses sentimentos são controlados a fim de que o ser humano possa ser aceito em sociedade. Por outro lado, a palavra “animal” é usada para relacionar os animais à força física e emocional na superação de obstáculos:

[...] erguerei dentro de mim o que sou um dia, a um gesto meu minhas vagas se levantarão poderosas, água pura submergindo a dúvida, a consciência, eu serei forte como a alma de um animal quando eu falar serão palavras não pensadas e lentas [...] (LISPECTOR, 1980, p. 192).

Outro aspecto vinculado aos animais não humanos é a busca por prazer. Os animais não humanos são vistos como capazes de buscar somente o prazer, sem que outros sentimentos, como culpa, medo, interfiram na sua procura. Os seres humanos, enquanto isso, são apresentados como portadores de outros sentimentos associados à busca por prazer. Numa conversa entre Joana e seu professor, o professor explica essa diferença entre os animais humanos e não humanos:

Ele falava a tarde toda:

– *Afinal nessa busca de prazer está resumida a vida animal. A vida humana é mais complexa: resume-se na busca do prazer, no seu temor, e sobretudo na insatisfação dos intervalos. É um pouco simplista o que estou falando, mas não importa por enquanto. Compreende? Toda ânsia é busca de prazer. Todo remorso, piedade, bondade, é o seu temor. Todo o desespero e as buscas de outros caminhos são a insatisfação. Eis aí um resumo, se você quer. Compreende?* (LISPECTOR, 1980, p. 47, grifo nosso).

Os animais também se conectam à liberdade na obra. O casamento significava para a Joana cerceamento de sua liberdade individual, por isso, ao comparar-se com um bicho, Joana invoca a ligação dos animais com a liberdade: “Depois ele [Otávio, seu marido] vinha. E ela repousava enfim, com um suspiro, pesadamente. – O sangue corria-lhe mais vagarosamente, o ritmo domesticado, *como um bicho que adestrou suas passadas para caber dentro da jaula*” (LISPECTOR, 1980, p. 101, grifo nosso). Assim, Joana se caracteriza como um ser de liberdade, um animal selvagem, que tenta se ajustar à reclusão.

A vida humana, por sua vez, apresenta-se como limitada e cheia de restrições em comparação com as outras formas de vida: “Depois de não me ver há muito quase esqueço que sou humana, esqueço meu passado e sou com a mesma libertação de fim e de consciência quanto uma coisa apenas viva” (LISPECTOR, 1980, p. 63).

O cavalo é um dos principais animais que representam o desejo de liberdade de Joana. A lembrança do dia em que caíra no rio, na fazenda do seu tio, traz com a figura do cavalo a expressão do desejo de liberdade da personagem:

O cavalo de onde eu caíra esperava-me junto do rio. Montei-o e voei pelas encostas que a sombra já invadia e refrescava. Freei as rédeas, passei a mão pelo pescoço latejante e quente do animal. Continuei a passo lento, escutando dentro de mim a felicidade, alta e pura como um céu de verão. Alisei meus braços, onde ainda escorria a água. *Sentia o cavalo vivo perto de mim, uma continuação de meu corpo. Ambos respirávamos palpitantes e novos*” (LISPECTOR, 1980, p. 65, grifo nosso).

Além disso, o cavalo é visto como uma extensão do corpo da personagem o que também acontece com os animais fêmeos, como, por exemplo, com a cadela, que é conectada à mulher:

Joana passou a mão pelo ventre estufado da cachorra, alisando-o com suas mãos finas. Deteve-se ligeiramente atenta.

–Ela está grávida – disse.

E havia qualquer coisa no seu olhar, nas suas mãos apalpando o corpo da cachorra que a ligava diretamente à realidade desnudando-a. *Como se ambas formassem um só bloco, sem descontinuidade. A mulher e a cadela ali estavam, vivas e nuas, com algo de feroz na comunhão* (LISPECTOR, 1980, p. 84, grifo nosso).

Durante o internato de Joana, a corça dá ares de delicadeza e feminilidade à personagem, ao mesmo tempo em que apresenta a ideia de liberdade: “A cama desaparece aos poucos, as paredes do aposento se afastam, tombam vencidas. E eu estou no mundo solta e fina como uma corça na planície” (LISPECTOR, 1980, p. 62).

A galinha, um dos motivos animais mais conhecidos de Clarice Lispector, é usada para expressar o sentimento existencialista da obra. As galinhas são observadas por Joana, ainda pequena:

Encostando a testa na vidraça brilhante e fria olhava para o quintal do vizinho, para o mundo de galinhas-que-não-sabiam-que-iam-morrer. E pode sentir como se estivesse bem próxima de seu nariz a terra quente, socada, tão cheirosa e seca, onde bem sabia, bem sabia uma ou outra minhoca se esguiçava antes de ser comida pela galinha que as pessoas iam comer (LISPECTOR, 1980, p.9).

Nesse trecho, as galinhas são apresentadas como seres destituídos de consciência da morte. Além disso, a galinha e a minhoca aparecem no ciclo contínuo da cadeia alimentar. Fica implícito, no entanto, que os únicos animais que têm consciência da morte do outro são os seres humanos, os últimos da cadeia alimentar.

A identificação de Joana com as galinhas, desde a infância, é notável. Após jantar, Joana, ainda criança, sente sono e, por ter comido galinha, deseja no dia seguinte voltar a observar as galinhas do vizinho: “A luz começava a piscar nos seus olhos e no dia seguinte, mal acordasse, iria espiar a galinha do quintal do vizinho, *ver as galinhas porque ela hoje comera galinha assada*” (LISPECTOR, 1980, p. 22, grifo nosso). Enquanto ouvia a conversa entre seu pai e Alfredo antes de dormir, Joana lembrava-se novamente das galinhas: “Para animar-se pensou: amanhã, amanhã bem cedo ver as galinhas vivas” (LISPECTOR, 1980, p. 25).

Depois da morte de seu pai, Joana muda-se para a casa da tia, onde há um galinheiro sem galinhas. Ainda que sem as galinhas, aquele lugar cativava Joana de alguma forma:

Daria uma mordida e voaria até casa para beber um gole de café. E assim por diante. Depois brincaria no quintal, onde havia paus e garrafas; Mas sobretudo aquele galinheiro velho sem galinhas. O cheiro era de cal e de porcarias e de coisa secando. Mas podia-se ficar lá dentro sentada, bem junto do chão, vendo a terra. A terra ornada de tantos pedaços doía a cabeça de uma pessoa pensar em quantos. *O galinheiro tinha grades e tudo, seria a casa dela* (LISPECTOR, 1980, p. 37, grifo nosso).

A falta de consciência sobre a morte também é atribuída ao galo, que se faz presente quando o marido e o amante de Joana se vão. Por meio do fluxo de pensamento de Joana, misturado às lembranças da infância, a personagem tenta imaginar qual teria sido o destino de seu amante:

Ocorreu-lhe que este deveria estar preso, afastou o pensamento impaciente, fugindo, precipitando-se ... Como se tudo participasse da mesma loucura, ouviu subitamente um galo próximo lançar seu grito violento e solitário. Mas não é de madrugada, disse trêmula, alisando a testa fria ... *O galo não sabia que ia morrer! O galo não sabia que ia morrer!* Sim, sim: papai, que é que eu faço? (LISPECTOR, 1980, p. 180, grifo nosso).

O pássaro é usado para compor metáforas sobre o pensamento, expressando o vaivém do pensamento de Joana quando recebe a carta de Lídia, amante de seu marido, chamando-a para conversar:

Passou logo a outro tom de comportamento, tocou um pouco de piano, esqueceu a carta de Lídia. Quando dela se lembrava, vagamente, um pássaro que vem e volta, não

sabia decidir-se, se ficar triste ou alegre, se calma ou agitada (LISPECTOR, 1980, p. 131).

O narrador de *Perto de coração selvagem* gosta de traçar as semelhanças que há entre os personagens da obra e os animais, assim os animais são usados em comparações para dar qualidades às personagens. Joana, seu professor, Otávio e Lídia são comparados frequentemente a animais.

A tia de Joana, por exemplo, é comparada a um cão: “Nova onda de choro reventou no seu corpo e Joana recebeu beijos angustiados pelos olhos, pela boca, pelo pescoço. A língua e a boca da tia eram moles e mornas como as de um cachorro” (LISPECTOR, 1980, p. 32). Joana, por sua vez, é comparada fisicamente pelo narrador com uma gata selvagem. A comparação com a gata se liga aos adjetivos “sombria” e “triunfante”. Portanto, em comum, a gata e Joana compartilhavam o ar soturno e pomposo:

Riu alto e olhou-se rapidamente ao espelho para observar o efeito do riso no rosto. Não, não o aclarava. *Parecia uma gata selvagem*, os olhos ardendo acima das faces incendiadas, pontilhadas de sardas escuras de solos cabelos castanhos despenteados sobre as sobrancelhas. Enxergava em si púrpura sombria e triunfante (LISPECTOR, 1980, p. 75).

Em outro momento, Joana é comparada com a calma de animais a pastar “A base de sua vida era mansa como um regato correndo no campo. E nesse campo *ela própria se movia segura e serena como um animal a pastar*” (LISPECTOR, 1980, p. 142, grifo nosso). A personagem é também frequentemente comparada a uma víbora. Após um furto de Joana, a tia chama a personagem de víbora: “É uma víbora. É uma víbora fria, Alberto, nela não há amor nem gratidão” (LISPECTOR, 1980, p.). Após ouvir sua tia chamando-a de víbora, a personagem passa a se considerar uma víbora: “Agora sou uma víbora sozinha” (LISPECTOR, 1980, p.).

O gato também é para traçar uma comparação com o professor de Joana: “O professor parecia um gato castrado reinando no porão” (LISPECTOR, 1980, p. 106). Joana também vê semelhanças entre o homem com quem mantém um relacionamento e os gatos: “Lembrou-se do rosto do homem, nos últimos dias, seus olhos molhados, turvos, de gato doente” (LISPECTOR, 1980, p. 177).

Alguns animais, tais como a cigarra, o pombo, o sapo, são usados para compor o ambiente na narrativa. Joana, ao sair da casa de Lídia, amante de seu marido Otávio, caminha acompanhada pelos sons das cigarras: “Subia de novo o morro e seu coração ainda batia sem rumo. Procurava a paz daqueles caminhos àquela hora, entre a tarde e a noite” (LISPECTOR, 1980, p. 149). O pássaro faz parte do espaço onde Joana encontra um homem desconhecido com o qual se relaciona: “Ela vinha. Parou a alguns passos dela. Permaneceram no silêncio. Ela de olhos fixos, largos e cansados. Ele trêmulo, hesitante. Ao redor as folhas se moviam à brisa, um pássaro pipilava monotonicamente” (LISPECTOR, 1980, p. 151).

Portanto, a representação dos animais em *Perto do coração selvagem* tem uma perspectiva centrada nos seres humanos. Apesar de receberem um tratamento ainda antropocêntrico, os animais se fazem presentes, assinalando os sentimentos, sensações e pensamentos, especialmente, de Joana.

Ao representar a violência contida nos seres humanos, os animais aparecem vinculados ao senso-comum, sempre associados ao instinto e à irracionalidade. No entanto, apontando a direção contrária, a força animal também se conecta à capacidade de superação de obstáculos. Ao contrário dos humanos, que não se permitem viver plenamente o prazer, os animais são vistos como seres que vivem autenticamente o prazer por não sofrerem com os outros sentimentos que o acompanham. Também são apresentados como seres que não

reconhecem a morte. Dessa forma, fortes, livres da moral, da razão, dos temores que seguem o prazer e do conhecimento a respeito da morte, os animais não humanos são aquilo que os animais humanos gostariam de ser, em virtude da liberdade que eles representam para a personagem. Por isso, os seres humanos são zoomorfizados por meio das comparações, que ligam os animais humanos aos animais não humanos. Assim, os animais, em vez de estarem presentes somente no espaço da narrativa, como ocorre tipicamente, habitam o interior das próprias personagens.

Portanto, a relação entre animais humanos e animais não humanos é marcada pelo que há de semelhante entre eles: a animalidade, que também está contida no interior do ser humano. Se não existem aqui animais não humanos em posição de destaque, por outro lado, os diversos animais não humanos que compõem o humano são relevantes na caracterização das personagens.

Considerações finais

Em suma, o foco de *Perto do coração selvagem* está centrado nos seres humanos. No entanto, os animais aparecem na narrativa para compor pensamentos e sentimentos de Joana. De modo geral, na obra, os animais estão associados ao instinto, à irracionalidade, à força, ao prazer, ao não reconhecimento da morte e à liberdade. Entretanto, destaca-se a presença de comparações entre os seres humanos e os animais não humanos, sempre apontando o que há de animalidade no humano. Assim, além de fazerem parte do espaço, os animais não humanos são também parte dos seres humanos. Desse modo, a zoomorfização se torna um recurso importante para a caracterização de personagens.

Referências

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.

INGOLD, Tim. Humanidade e animalidade. Trad. Vera Pereira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v.10, n. 28, jun. 1995.

LEACH, Edmund. *Natureza/cultura*. In: *Enciclopédia Einaudi*, IN-CM, 1989, vol. 5 – *Anthropos* -, p. 67- 101.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

MACIEL, Maria Esther. *O animal escrito: Um olhar sobre a zooliteratura contemporânea*. São Paulo: Lumme Editor, 2008.

MACIEL, Maria Esther. Poéticas do animal. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). *Pensar/escrever o animal: ensaio de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.p. 85-101.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1995.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1975.